

NO PINTCHA

* ÓRGÃO DO COMISSARIADO DE ESTADO DE INFORMAÇÃO E TURISMO *

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS: AV. DO BRASIL, CENTRO DE IMPRENSA — TELEFS.: 3713/3726/3728 — BISSAU

MENSAGEM DE LUIZ CABRAL PARA JULIUS NYERERE

O camarada Victor Saúde Maria, membro do CEL do PAIGC e Comissário de Estado dos Negócios Estrangeiros, foi recebido, em Dar-Es-Salaam, pelo Presidente Julius Nyerere, da Tanzânia. Fez a entrega de uma mensagem do camarada Presidente Luiz Cabral.

O Presidente Nyerere, recorda-se, foi convidado pelo nosso Partido a assistir, em Setembro próximo, às comemorações do vigésimo aniversário do PAIGC.

ÁFRICA MILITANTE
EM TANANARIVE

«A República Democrática de Madagascar sente-se feliz por ser

MORREU CHU TEH

◆ CONDOLÊNCIAS DE NINO VIEIRA

PEQUIM (AFP) — Morreu o marechal Chu Teh, Presidente da Assembleia Nacional Popular chinesa, membro permanente do Bureau Político do Comité Central do Partido Comunista chinês, anunciou na terça-feira à noite Rádio Pequim.

A Rádio Pequim anunciou a criação de um comité, composto pelos mais altos dirigentes chineses, encarregado de organizar o funeral do marechal Chu Teh, de 90 anos, e que era um dos dirigentes mais prestigiosos da história da China Popular.

É o quarto alto dirigente chinês, membro permanente do Bureau Político do Comité Central do Partido, que morreu no decorrer dos 18 últimos meses, depois do Presidente da República interino, Tung Pi Wu, em Abril de 1975, Kang Sheng, em Dezembro e o primeiro-ministro Chou En Lai, em Janeiro último.

MENSAGEM
DE NINO VIEIRA

Por ocasião da morte de Chu Teh, Presidente da Assembleia Nacional Popular chinesa, o camarada Nino Vieira enviou o seguinte telegrama ao primeiro-ministro chinês, Hua Kuo-Feng:

«O povo chinês acaba de perder um dos seus melhores filhos, o camarada Chu Teh, que durante toda a sua vida não poupou nenhum esforço, nenhum sacrifício na defesa intransigente dos interesses da classe operária chinesa. Nesta triste ocasião pedimos o favor de, em nome das Forças Armadas Revolucionárias do Povo da Guiné-Bissau, e em meu nome pessoal, receber e transmitir ao Bureau Político do Comité Central do Partido Comunista chinês e à família enlutada, as nossas condolências».

o local de uma reunião amigável da África militante», declarou o Presidente Didier Ratsiraka, por ocasião da escala em Tananarive de delegações de países africanos progressistas, as quais participaram, em Port Louis, na cimeira da O.U.A.

A posição anti-imperialista de Madagascar e dos países cujos representantes estiveram de passagem pela capital «continua a ser comum», sublinhou o Presidente malgache, acrescentando que foram abordados, em vésperas da conferência dos não-alinhados, questões relativas à África Austral, à Palestina, ao Oceano Índico e ao Sahara Ocidental.

Depois do primeiro-ministro do Congo, Sylvain Ngoma, avistaram-se com o Presidente Ratsiraka os Chefes de Governo de Angola, Lopo do Nascimento, e da Guiné (Conakry), Lansana Beavogui, bem como os ministros dos Negócios Estrangeiros de Cabo Verde, camarada Abílio Duarte, da Argélia, Abdelazize Bouteflicka, do Benin, Michel Alladaye, e de S. Tomé e Príncipe, Leonel d'Alva.

REUNIÃO DO CONSELHO DE COMISSÁRIOS

DIRECTRIZES DO GOVERNO PARA O NOVO ANO AGRÍCOLA

Vários dirigentes do Partido e membros do Governo seguiram ontem e hoje para as diversas regiões do País, em grupos de dois, para discutir problemas relacionados com o início da campanha agrícola com os presidentes de Comités de Estado, de Regiões e de Sector, e os responsáveis Regionais agrícolas. A decisão foi tomada ontem pelo Conselho dos Comissários. Paulo Correia (do CEL) e Abdulai Bari (CEL) vão para o interior da região de Bissau. Otto Schacht (CEL) e Manuel Santos (CSL): Bafatá. Mário

ARISTIDES PEREIRA NO 5 DE JULHO

"A INDEPENDÊNCIA CONSTRÓI-SE NO TRABALHO DE TODOS OS DIAS"

PRAIA (Dos nossos enviados especiais) — No dia 5 de Julho a cidade da Praia acordou em festa para comemorar o primeiro aniversário da independência de Cabo Verde. O mesmo aconteceu, aliás, em todas as cidades e aldeias do país, onde há vários dias esta jornada vinha a ser preparada com a alegria e entusiasmo patrióticos. Na capital, as ruas profusamente ornamentadas com cartazes, bandeiras e papéis coloridos, e sobretudo, a alegria estampada no rosto das pessoas indicaram que o primeiro aniversário deste país iria conhecer momentos de grande entusiasmo populares. Com cartazes espalhados pelas cidades, mostrando figuras de Aristides Pereira, Luiz Cabral e de outros dirigentes do Partido e transcrevendo algumas das palavras de ordem do PAIGC.

Além disso foi colocado numa das entradas da cidade um cartaz gigantesco de Amílcar Cabral, fundador da Nacionalidade. Desde o fim da semana passada que vinham decorrendo diversas manifestações culturais, recreativas e desportivas. Mas a parte mais

alta das comemorações foi, naturalmente, reservada para o dia 5 de Julho. E foi também neste dia que o entusiasmo popular se manifestou em toda a sua exuberância transformando uma data histórica numa festa.

Culminou com um grande comício no Estádio da Várzea este dia festivo que amanheceu ao som de uma alvorada, em sinal de alegria. O comício, em que o Presidente da República, camarada Aristides Pereira, fez um balanço da actividade da administração do Estado durante este primeiro ano de independência, fora precedido por um desfile das forças populares organizadas.

Sucessivamente, desceram a Rua Amílcar Cabral até ao Estádio da Várzea destacamentos de pioneiros, a organização da JAAC, uma representação da comissão organizadora dos sindicatos, outra da organização do Partido na Praia, as FARP e as três principais tabancas da capital. Cada uma daquelas organizações entoava «slogans» militantes. O povo das tabancas, por sua vez, vestindo trajos tradicionais, cantava, tocava e dançava. Fechava o cortejo um carro alegórico, com uma grande inscrição lateral dizendo «Somos livres no mundo» que simbolizava a independência de Cabo Verde.

«Acabamos de viver o nosso primeiro ano de liberdade e dignidade reconquistada, mas também de responsabilidade como homens e como povo», sublinhou o camarada Aristides Pereira no seu discurso, ao longo do qual passou em revista os passos dados por cada departamento governamental para a reconstrução nacional, pois, segundo a sua própria expressão, «cabe-nos o dever de dar satisfações ao nosso povo».

O Presidente da República de Cabo Verde manifestou a sua fé na «capacidade realizadora do povo caboverdiano, guiado pela consciência e vontade revolucionária do PAIGC, e a certeza de que sabremos encontrar a dignidade,

o progresso social e a felicidade para o nosso povo».

Aristides Pereira referiu-se às enormes dificuldades que se deparam a Cabo Verde após a conquista da independência. Dificuldades devidas ao estado de pobreza em que o colonialismo deixou o país «O primeiro ano de independência foi uma marcha de arancada, nem sempre fácil, através de escolhos vários», recordou, para afirmar que «no ano que se segue, teremos que definir a nossa responsabilidade e de exigirmos de nós mesmos mais esforço». E sublinhou que este maior esforço deve ser exigido, sobretudo, aos trabalhadores do Estado. «A independência constrói-se no trabalho de todos os dias». Esta frase, que fechou a alocução do camarada Aristides Pereira, foi também a sua síntese e a mensagem deixada a todos os caboverdianos.

Antes, o Presidente da República de Cabo Verde começara por dirigir uma mensagem especial à delegação do nosso país que se encontra na Praia, onde foi assistir às comemorações do 5 de Julho. Aliás, foi ao camarada Vasco Cabral que coube a primeira intervenção no comício.

«Sem a estreita ligação entre o Partido e as massas populares não teria sido possível o acontecimento histórico e irreversível, que foi a conquista da independência», su-

(Continua na página 8)

LEI DAS FRONTEIRAS EM DISCUSSÃO

A Lei das Fronteiras foi discutida na reunião do Conselho dos Comissários de Estado, realizada ontem em Bissau, no Palácio da República.

Presidida pelo camarada Presidente Luiz Cabral, o Conselho debruçou-se também sobre questões referentes à Educação e à Agricultura.

TITE
TRABALHO VOLUNTÁRIO
NA AGRICULTURA

Quase todos os jovens das povoações de Tite de Baixo e Brambanda, participaram, domingo passado, de um trabalho voluntário de lavoura na granja de Tite. Foram orientados pelos camaradas António Vieira, responsável regional pela juventude e desporto, Lega Mamé, presidente do Comité do sector, Yá-yá Djaló, responsável de Segurança. Nesse mesmo dia, outro grupo encarregou-se da limpeza da Vila de Tite.

Reunião
de professores

O responsável regional do Ensino Primário da região de Buba convocou todos os professores do sector de Tite para uma reunião no próximo sábado, às 9h, na escola primária António M. Bana.

O objectivo da reunião é o preenchimento das propostas finais. Todos os professores da região que estão em Bissau tratando dos seus documentos devem comparecer nos seus postos de serviço, no mais tardar até esse dia.

Na final do festival de música,
a vitória esperada do "Cobiana Djazz"

A multidão cercou o estádio. Jovens, crianças e adolescentes foram-se aproximando dos portões de entrada. Alguns com cadeiras na mão, roupa de sábado à noite. Era dia de festival de música no Lino Correia. De encher os lugares disponíveis para assistir ao resultado final. E as pessoas ficaram até conhecer a vitória do Cobiana Djazz.

O palco foi montado no centro do estádio. Em frente da tribuna e das bancadas, diante da mesa do júri. O público ficou espalhado, longe dos lugares mais caros. Ocupou toda a área próxima aos muros, na faixa permitida pela segurança. Só no fim, quando o Cobiana Djazz tocou pela segunda vez, as pessoas aproximaram-se. Romperam o cordão montado pela polícia e chegaram perto do palco. Dançaram em volta do palanque coberto com um pano de lona verde onde estavam instalados os amplificadores.

Eles pagaram 40, 30 e 15 pesos para ouvir música no sábado, depois da chuva.

Por isso não hesitaram em subir nos postes de iluminação, no telhado dos balneários e nas traves de futebol para observar melhor. Todos os bons lugares foram ocupados e nem toda a gente pode

pagar os bilhetes mais caros para assistir das cadeiras ou da arquibancada e ver o palco de mais perto.

Mesmo quando muitos lugares já estavam ocupados no interior do estádio, a aglomeração continuava na rua. Um dos recursos utilizados para entrar foi a violência. As pessoas tentavam pular pelas barras de ferro que limitavam o acesso ao local e a polícia reagia de acordo com as suas normas.

A espera acabou às 22 horas e 40 minutos. O N'Kassa Cobra subiu ao palco. Terminou com as manifestações do público que exigia o início do espectáculo. Depois de uma hora de atraso no início do festival, a comissão organizadora constatou que havia um defeito no sistema de amplificação. Eram quase 22 horas quando o responsável pelo som decidiu providen-

ciar por um transporte e ir buscar um outro amplificador para substituir o que estava avariado. O público não foi avisado depois das 22 horas e 15 minutos era impossível controlar a agitação. As pessoas manifestavam-se com insistência, de forma generalizada.

Vários problemas de organização contribuíram para atrasar o início do festival. Além da instalação do equipamento de som, algumas questões foram resolvidas na última hora. Foi vendida uma quantidade de bilhetes superior ao número de cadeiras existentes. E a solução do caso, exigiu a intervenção da polícia para acalmar o grande número de espectadores que aguardavam em pé. Como não foi possível controlar a entrada das que já estavam sentadas, as pessoas dispersaram-se e ocuparam as cadeiras disponíveis, conseguidas, rapidamente, pela comissão organizadora. Também o júri foi alterado para a final do festival. Foi a própria comissão que avaliou os conjuntos.

Quando o N'Kassa Cobra começou a tocar, muita gente já estava cansada de esperar. As garrafas de cerveja e de outras bebidas trazidas pelo público estavam vazias. A demora correspondeu a quase duas horas no interior do estádio. Era o programa de sábado: atravessar o chão coberto de lama para ouvir a mesma música que o Presidente Luís Cabral ia ouvir acompanhado pelo Comissário Principal Francisco Mendes, nos seus lugares na tribuna.

Os 11 músicos do N'Kassa Cobra tomaram o seu lugar no palco. Estavam de calça preta, camisa branca e casaco vermelho. O cantor do conjunto diferenciava-se dos demais: usava uma túnica bordada em veludo preto. Começou a cantar acompanhado por quatro guitarras eléctricas, tumba, bateria, bombolom e três integrantes do coro. Com a primeira música instrumental, tocou o público. Cantava uma música da Guiné, Conakry. As pessoas reagiam acompanhando a música com palmas ritmadas e movimentando o corpo nas cadeiras.

Os mesmos instrumentos, com excepção do bombolom, foram utilizados pelo T'Nan Koia. O seu vestuário também obedecia a algumas regras: túnica brancas ou cor-de-rosa com estrelas brancas. A diferenciação das roupas determinava a disposição no palco. Quatro na parte da frente e cinco atrás. Mas eles nem terminaram de tocar e o público já aplaudia a entrada dos Capas Negras.

Chegaram com os seus trajes tradicionais. Calça e capa preta até o chão. Mas desta vez, traziam uma inovação: as boinas correspondiam às cores da bandeira nacional. Era isto que os diferenciava. Vermelho para a percussão, amarelo ou preto para a guitarra, verde para os vocais. Quando entraram o povo chegou a subir nas cadeiras para gritar o nome do conjunto.

Teriam ganhado se dependesse dos aplausos e da alegria de alguns espectadores. A receptividade do público foi ainda mais evidente quando reproduziram uma música de Santana. Era apenas instrumental, mas agradou a maioria, provocou gritinhos e braços entusiasmadamente erguidos para o palco.

Os adolescentes aguardavam a apresentação dos Lacarães. Eram meninos de treze a quinze anos, todos de calça branca e túnica colorida. A sua música só foi notada por pessoas de idade correspondente. Durante alguns momentos despertaram mais atenção, mas durou o tempo da interpretação

(Continua na página 8)

RESPONDE O POVO

Por que faltam géneros alimentícios?

Cinco séculos de exploração colonialista tornam a independência económica de um País uma meta bem mais difícil do que a independência política. O nosso país recém libertado do domínio colonial, tem ainda enormes dificuldades económicas. Faltam estradas, faltam habitações, faltam pontes, importa-se o mais importante: alimentos. A população ressentia-se disso, na medida em que tem dificuldades em encontrar géneros alimentícios de primeira necessidade. Ela sabe por que faltam esses géneros? Quais são os produtos que ela tem mais problemas para comprar? Como cada um procura contornar essa situação? Qual a opinião das pessoas sobre isso?

Tomé Lopes Ferreira, encarregado de armazém: «Nos últimos tempos temos dificuldades em adquirir vários géneros alimentícios de primeira necessidade como o arroz, açúcar e óleo. Agora, os que faltam com maior frequência são o açúcar e o óleo. Quando vou comprar um destes produtos, o empregado do balcão diz sempre que deveria ir mais cedo para encontrar o que queria. É sempre assim. Eu não entendo isso: como esses géneros podem desaparecer com tanta facilidade?

«Como chefes de família, precisamos arranjar um método para seleccionar as quantidades necessárias para uma refeição. Assim, é possível controlar os gastos durante um determinado prazo. Caso contrário, chegamos a um período do mês em que já não temos nada para dar de comer aos nossos filhos. Há dias em que não se encontra nem peixe, nem car-

ne, no mercado. Quando aparece, só vendem a certas pessoas, por quê? Sinceramente, não sei qual é o motivo disso tudo. Penso que é devido ao consumo elevado por uma parte da população que os adquire em grande quantidade quando aparecem. Dessa forma, outros ficam sem condições de adquiri-los.

Sábado Có, trabalhadora rural: «Camaradas, todos nós estamos sentindo dificuldades em obter géneros alimentícios, principalmente os de primeira necessidade. Não sei, concretamente, o motivo disso. Observo, com maior frequência, a falta de arroz, óleo e açúcar. Mas, agora, um outro produto também começou a faltar. Trata-se do sabão. E esse problema precisa ser resolvido o mais rápido possível, porque um indivíduo não pode viver na sujidade. Neste caso, peço aos camaradas encarregados de o exportar que encontrem uma solução. Quanto às ou-

tras coisas, vamos fazendo alguns sacrifícios, comendo um pouco de cada vez.

«Na minha opinião, deveria ser estabelecida uma certa ordem para a venda ao público de certos géneros. Os responsáveis pelo comércio deveriam fazer esse trabalho depois da importação das mercadorias que faltam mais. Penso que, dessa maneira, toda a população teria oportunidade de comprar. Aliás, nem sei porque tem faltado alimentos. Gostaria de ser esclarecida».

Pauleta Teixeira, funcionária do Comissariado de Segurança Nacional e Ordem Pública: «É muito cansativo encontrar alguns alimentos. Às vezes, não se encontra nada mesmo. Penso que para não haver falta desses produtos devemos aproveitar a época para plantar e aumentar a produção. Também as importações, devido ao número da população, deveriam aumentar. Principalmente de arroz, açúcar, óleo, sabão. Isso precisa ser feito sempre que se nota que vai faltar. Até agora estamos sentindo a falta do arroz, principal alimento no País. E do óleo também. Acho mesmo que a solução do problema está no aumento de importação. O Estado deveria importar mais na medida em que o consumo aumenta».

NO
PINTCHA

Órgão do Comissariado de Estado de Informação e Turismo Trissemanário Nacional de Informação.

Sai às Terças, Quintas e Sábados.

Preço: 2,50

Redacção, Administração e Oficinas, Avenida do Brasil

TELEFONES

Redacção: 3713/3728

Administração

e Publicidade: 3728

ASSINATURAS (Via Aérea)

Guiné-Bissau e Cabo Verde

1 ano 400,00

6 meses 250,00

Outros Países Africanos,

e Portugal

00'00S ou 1

6 meses 300,00

Serviços de Distribuição e Vendas do «NO PINTCHA»

— Caixa Postal, 154

BISSAU — GUINÉ-BISSAU

FARMÁCIAS

HOJE — «MODERNA» — Rua 12 de Setembro, telefone 2702.

AMANHA — «CENTRAL» — Rua Vitorino Costa, telefone 2453.

TELEFONES

Hospital Simão Mendes:

Banco — 2888/2867

Bombeiros — 2222

Polícia:

1.ª Esquadra — 3333

2.ª Esquadra — 3444

Correios:

Informações — 2600

Rádiodifusão Nacional — 2430

Aeroporto — 3001/4 (TAG_B)

TAP — 3991/3

Serviços Municipalizados:

Água e Electricidade — 2411

(das 7 às 17 horas)

Assistência à rede eléctrica — 2414

(das 16 às 24 horas)

Chegadas e partidas de navios — 2922/5

RADIO

EMISSIONES:

Das 6 às 8; das 12 às 15 e das 17 às 24 horas:

NOTICIÁRIOS:

Às 7, 13, 15, 17, 20 e 21 horas.

AGENDA DO DIA

Às 18,45 horas.

CINEMA

HOJE — Às 18 30 — «OS JOVENS GUERREIROS» — m/10 anos e às 20,45 — filme a anunciar.

AMANHA — Às 20,45 — filme a anunciar.

ARISTIDES PEREIRA

“A nossa linha ideológica foi sempre inspirada pelo pensamento de Amílcar Cabral”

«A nossa linha ideológica foi sempre inspirada pelo pensamento de Amílcar Cabral. Ela não sofreu nenhuma alteração. Adoptamo-la para resolver problemas actuais, porque estamos num momento diferente da nossa luta de libertação...», afirmou o Secretário-Geral do nosso Partido e Presidente da República de Cabo Verde, camarada Aristides Pereira numa entrevista concedida à «Afrique.Asie».

«Afrique.Asie» — Amílcar Cabral definia o Partido Africano para a Independência da Guiné e Cabo Verde (PAIGC) como «um movimento de libertação nacional»; mas, dizia ele, «um movimento é qualquer coisa de muito vago» e, dia após dia, «todo o trabalho é tender a transformá-lo num verdadeiro Partido». O fim da fase armada da luta de libertação nacional consecutiva à queda do fascismo acelerou essa transformação?

Aristides Pereira — «Nós trabalhámos com entusiasmo e determinação no sentido preconizado pelo nosso Secretário-Geral, camarada Amílcar Cabral. E podemos dizer que demos alguns passos nessa direcção. Mas a tomada de responsabilidade nos centros urbanos, ocupados então pelos portugueses, colocaram-nos perante problemas.

Encontramo-nos, com efeito, perante um paradoxo. É com os trabalhadores dos centros urbanos que temos dificuldades. Em Bissau, particularmente, onde eles estavam, por assim dizer, comprados pelo antigo governo português para servir a guerra. Isso assegurava-lhes um salário relativamente elevado. De súbito, com a partida dos portugueses e da indústria de guerra eles voltaram a encontrar-se por vezes sem trabalho, e a maior parte com salários baixos. Isso preocupa-nos. É necessário que façamos um esforço a nível de organização sindical, não somente para enquadrar os trabalhadores, mas também para transformar a sua mentalidade, fazendo-os tomar consciência da realidade do nosso país. Para descolonizar os espíritos. É uma ta-

refa de muito fôlego. Que nos mobiliza. Que dificulta a nossa ambição de ter um partido no verdadeiro sentido da palavra. É uma das razões pelas quais continuamos a ser um movimento de libertação».

A. A. — O período de transição e a independência total do território da Guiné trouxeram uma sensível evolução aos ideais do PAIGC?

A. P. «A nossa linha ideológica foi sempre inspirada pelo pensamento de Amílcar Cabral. Ela não sofreu nenhuma alteração. Adoptamo-la para resolver problemas actuais, porque estamos num momento diferente da nossa luta de libertação. Mas ela é tão clara como são o nosso programa e objectivos. Em 1973, os estatutos do Partido definiam esses objectivos: democratização, emancipação das populações da Guiné e Cabo Verde, progressos económicos o mais rápido possível, promoção social e cultural das populações. Bem, estamos em plena acção para a realização deste programa. A condição fundamental era a tomada das rédeas do poder».

— Em Cabo Verde, parece que a acção do Partido tomou aspectos específicos...

A. P. — «Podeis imaginar a diferença. Até 25 de Abril de 1974, a luta política clandestina existia quase unicamente nos centros urbanos. Com muito poucos efectivos. Depois do 25 de Abril um certo número de quadros que estava na Guiné regressaram e fizeram um trabalho considerável de massas durante todo esse tempo, e essa actividade política estendeu-se às zonas rurais. É o contrário da Guiné. Na cidade a

adesão foi total e quase imediata. O campo apresentou mais dificuldades; certos factores, por exemplo, não existiam na Guiné: a grande e pequena propriedade, influência religiosa de um certo clero ao serviço do colonialismo...»

— O poder político, económico, administrativo, jurídico estava muitas vezes concentrada nas mesmas mãos, isso não devia ser muito fácil...

A. P. — «Havia por exemplo em cada região, várias circunscrições com administradores coloniais. Todos eles foram. E para quebrar o sistema existente, foram formados, e ocuparam os referidos lugares, comités administrativos de cinco pessoas durante o período de transição. Pusemo-nos de acordo com o Governo de transição. Isso é muito importante num território sem continuidade como Cabo Verde».

— São pois os problemas económicos que se põem com mais acuidade...

A. P. — «O essencial da luta política aqui em Cabo Verde é a luta económica. Porque o arquipélago encontra-se numa situação realmente catastrófica. É inacreditável ver até que ponto de pobreza levou um sistema que durou demasiado».

[...] — A unidade Guiné-Cabo Verde, por exemplo...

A. P. — «Essa é a preocupação maior do nosso Partido, porque nós devemos ter em conta não somente as nossas realidades mas as experiências de outros países neste domínio. A unidade guineo-caboverdiana já fez correr muita tinta. Procurou-se semear a confusão. Nós fizemos um paciente trabalho de explicação. Pensamos que hoje em dia tudo está claro para todo o mundo e nós preparamo-nos para essa unidade, que deve encontrar uma fórmula, tendo em consideração a realidade concreta de cada país. Porque de facto, essa unidade já existe através do Partido. Simplesmente agora é preciso definir as etapas dentro duma fórmula, tendo em conta as particularidades de cada país.

É desta maneira que contamos trazer uma contribuição bastante significativa à unidade africana».

Embaixador em Conakry

Em trânsito para Cabo Verde, onde irá contactar com o Governo do país irmão, após ter entregue no último dia 2, as credenciais como embaixador da República de Cabo Verde na Serra Leoa, chegou ontem a Bissau o camarada Alexandre Nunes Correia, nosso embaixador na Guiné-Conakry.



Amílcar Cabral

O sistema de escravatura

«Quando se começa a criar gado, há a necessidade de dar-lhe de comer — o pasto — e é preciso conquistar a terra para dar o pasto. Mas outra gente quer também aquela terra. Guerra, camaradas, e quem tem mais força, toma a terra. Assim é que as guerras nasceram entre as sociedades humanas, entre os homens.

Mas à medida que a agricultura se desenvolveu, o homem foi capaz de se multiplicar mais, de aumentar de número, porque havia mais comida e melhor. Então, foi preciso sustentar essa gente toda, foi preciso terra. Guerras também, para a obtenção de terras. Grupos enormes de homens movimentaram-se através do mundo inteiro, para conquistarem terras para o seu gado, ou para fazer a agricultura. Essa é a razão por que todos os povos da Europa de hoje, não são nada da Europa, vieram da Ásia, dos confins da Ásia. Ainda há relativamente pouco tempo, houve na Europa grandes invasões de tribos mongólicas, da Mongólia, que vieram com os seus chefes, conquistar a Europa, dominar os povos da Europa e que ocuparam a Europa e deram os novos povos de hoje em dia. Vagas e vagas de seres humanos, saindo dumas terras para outras à procura de meios de vida. Terreno para pastagem e para a agricultura, florestas para fazer casas etc.

E por causa das guerras, fizeram-se prisioneiros. Mas se eu fizer um prisioneiro, dois, guardo-os em minha casa, trato-os bem, dou-lhes de comer, até depois, ele pode casar com a minha filha, ou se é mulher, eu mesmo posso casar com ela, ou casá-la com um filho meu, transformá-lo em família. No começo da guerra era assim. Mas na medida em que as armas se desenvolveram, as guerras se tornaram mais duras, os prisioneiros aumentaram, e já não se sabia que fazer com tantos prisioneiros. Então, ponho-os a trabalhar para mim, tanto para cuidarem do meu gado, como do meu terreno, lavrando o meu terreno. Começou a escravatura, camaradas.

A escravatura tem a sua origem nos prisioneiros de guerra, através do mundo inteiro. Já disse aos camaradas que, em África, na altura em que os colonialistas chegaram, eram simples aventureiros no mundo — havia muitas guerras em África, exactamente para a conquista de terreno e para domínio de uns grupos sobre outros. Havia muitos prisioneiros, escravos. O sistema da África era a escravatura, e então, isso foi base bastante, para fornecer aos europeus, escravos, vendendo os nossos irmãos para várias partes do mundo.

Do sistema do comunismo primitivo, no qual toda a gente trabalhava para o interesse comum, embora num nível muito inferior de produção, (de forças produtivas) porque o homem ainda não dominava nada a natureza, não havia meios de produção com valor, passou a pouco e pouco, para um sistema de vida social, em que umas pessoas trabalhavam para outras, como escravos. Sistema de escravatura. Séculos e séculos, às vezes milhares de anos, camaradas, para chegar a isso.

Depois, a pouco e pouco, a escravatura desenvolveu-se, os filhos dos escravos aumentaram, houve vários problemas dentro da sociedade de escravatura, os meios de produção aumentaram, o homem inventou meios de produção, e chegou a um ponto em que ter escravos começou a ser um peso, porque os escravos, quer eles trabalhassem ou não, tinham que comer, se adoecessem era preciso curá-los, porque não podiam fazer nada e comiam. Era preciso tomar conta dos seus filhos, criá-los, mas às vezes morriam, e todos aqueles gastos que se fez com eles, tornavam-se uma perda. E notou-se que, a existência de escravos, a partir do momento em que a sociedade humana já tem certos meios de produção avançados, é um factor de atraso, que pára a evolução da sociedade.

Herculano Vieira no Senegal

Apelo à solidariedade internacional

DAKAR (AFP) — Herculano Vieira, ministro caboverdiano dos Transportes, lançou um apelo à cooperação internacional, com vista à reconstrução de Cabo Verde, numa intervenção pronunciada, em Dakar, por ocasião do primeiro aniversário do novo Estado.

«É certo, disse o ministro, que tendo herdado um país destruído por séculos de abandono, agravados por longos anos de seca, e havendo que fazer face aos problemas que põem a necessidade de uma solução urgente a uma situação social muito grave, o nosso povo precisa da ajuda e solidariedade internacionais».

Herculano Vieira apelou aos países amigos para contribuirem no esforço dos caboverdianos

para arrancar Cabo Verde do estado de sub-desenvolvimento e da miséria, no qual o deixou a longa noite colonial.

O ministro agradeceu, além disso, ao Governo senegalês pela hospitalidade que dá aos cidadãos caboverdianos, e exortou estes últimos ao «trabalho responsável e consciente ao lado do povo senegalês, no interesse dos nossos povos e da amizade e solidariedade entre os nossos povos».

Herculano Vieira fez esta declaração durante uma recepção à qual assistiram o seu homólogo senegalês, Mamadou Diop, o corpo diplomático, numerosos cidadãos caboverdianos e personalidades senegalesas.

Luiz Cabral no encerramento da Escola-Piloto, em Bolama

“Os jovens devem tomar Cabral como exemplo e servir o nosso povo e a nossa terra”

Na sua viagem a Bolama, no domingo, além da visita ao local onde será construída a fábrica de sumos e conservas de fruta «Titina Silá», o Presidente Luiz Cabral assistiu às festas de encerramento do ano lectivo na Escola Piloto. Durante a reunião que presidiu na escola, apresentou aos presentes uma delegação da Comissão dos Amigos de Bolama que, através de realizações culturais e desportivas, conseguiu 60 mil pesos para serem empregados no desenvolvimento da antiga capital da nossa terra. O dinheiro foi entregue a Francisca Pereira, Presidente do Comité de Estado da Região de Bolama. No dia seguinte, segunda-feira, o camarada Luiz Cabral visitou a cooperativa agrícola das nossas FARP em Gan Muriá.

Na Escola, o Presidente e acompanhantes, visitaram uma exposição de desenhos e artesanato. Percorreram as instalações, assistiram a uma demonstração desportiva e estiveram nos campos agrícolas destinados aos alunos, onde o Presidente plantou uma muda de cana-de-açúcar, iniciando assim um novo ano de lavoura. Mais tarde, Luiz Cabral presidiu a uma reunião com os alunos que terminaram o ano lectivo com bom aproveitamento.

Depois da distribuição de prémios aos alunos distinguidos em todas as actividades escolares e do discurso do Presidente, falaram os camaradas Nino Vieira, Comissário das Forças Armadas, e Mário Cabral, Comissário de Estado da Educação Nacional e Cultura. Os dois camaradas procuraram incentivar os jovens do PAIGC na tarefa de aumentar seus conhecimentos.

Antes do regresso para Bissau, a comitiva visitou a cooperativa em Gan Muriá, onde Luiz Cabral encorajou os combatentes a trabalharem com dedicação na agricultura. Com isso eles estarão a aliviar um pouco os problemas do nosso Estado.

O DISCURSO DO PRESIDENTE NA ESCOLA

«Quero dizer aos camaradas toda a emoção, toda a alegria de ver aqui em Bolama, cidade que os portugueses deixaram completamente em ruínas, quase condenada a desaparecer, a Escola Piloto que começámos pouco a pouco nas dificuldades mais extraordinárias. Vemo-la a brilhar com a mesma força que brilhou durante a luta de libertação nacional e a preparar os nossos jovens. Apesar de todas as tentações que possam haver hoje, depois da nossa completa libertação, prepara os jovens naquele caminho de seriedade, de dedicação, de militância, de amor para o nosso Partido, de amor ao nosso povo».

«Quero dizer aos camaradas que para mim é mais um encorajamento ver a seriedade de trabalho do nosso Comissariado de Educação, que teve uma tarefa grande à sua frente, dificuldades de toda a ordem, um nível de ensino que herdou do colonialismo e não servia para nada, pois um aluno com o quinto ano não era capaz de fazer um ditado sem erros. Os professores sem nível, pois era aos oficiais e es-

posas que davam a possibilidade de ganhar mais dinheiro no Liceu. A Educação é que teve que trabalhar obtendo entre a experiência que fizemos na nossa luta nas regiões libertadas, na nossa Escola Piloto, e aquela confusão que os tugas deixaram neste domínio. Tivemos que traçar aquele caminho novo que hoje os camaradas da Educação vêm cada dia mais claro, de criar uma educação capaz de servir o nosso povo de servir a nossa revolução, de definir aquele homem novo pronto para construir a terra maravilhosa que o camarada Cabral sonhou para os filhos do nosso povo da Guiné e Cabo Verde».

«Isto é uma vitória, vitória também para os camaradas do Instituto Amizade. Os nossos internatos que existiam já nas zonas libertadas, internatos criados nos anos mais difíceis da nossa luta. Com o fim da guerra e o princípio do controle total do nosso território nacional, o Instituto de Amizade tomou aquela responsabilidade de dar a sua continuidade. Foi preciso trazer os nossos alunos de Conakry, de Boqué, de Taranga, do leste, para os redistribuir em função de classes, de idade para dar maior rendimento ao trabalho dos professores em cada estabelecimento do Instituto de Amizade. Vimos os camaradas que têm essa responsabilidade fazerem o seu trabalho com bastante dedicação e que o Instituto de Amizade está a formar o seu corpo cada dia mais claro, fazendo um trabalho mais concreto, definindo cada um dos seus estabelecimentos. E de facto, isso é para nós uma grande vitória na formação do homem novo que o Partido quer na Guiné-Bissau».

«Quero felicitar os camaradas do Instituto de Amizade pelo trabalho tão sério que têm feito aqui. Dentro do quadro do Instituto, queremos felicitar os camaradas da Escola Piloto. Ela já tem um passado longo. O primeiro grande salto foi aprender a ler no mato, no perigo da guerra, aprender a escrever o nome, a fazer as primeiras contas para a preparação de um ensino mais substancial. Para dar aos nossos jovens a possibilidade de formarem-se para servir a nossa terra e o nosso povo».

«Quantos frutos já deu a Escola Piloto que pegou nas crianças da nossa guerra vindas de todas as regiões, muitas delas agora técnicos que estão a traba-

lhar na reconstrução do nosso país. Vemos as crianças dos nossos internatos no começo da luta, naquela confiança que tinham no futuro da nossa luta, a quem perguntávamos o que é que queriam ser quando fossem grandes. E a única coisa que eles viam eram os que representavam o progresso e força. Era a aviação. Diziam que queriam ser aviadores. E vemos hoje, com prazer, os alunos da nossa Escola Piloto serem pilotos de aviões a jacto, a cortarem os céus da nossa terra, a defenderem a nossa soberania e a nossa independência nacional».

«Nos vários domínios da nossa vida, electricidade, máquinas, agricultura, medicina, dezenas de quadros que saíram da nossa Escola Piloto. Alunos que podiam ser condenados ao anonimato. Vimos alunos da nossa Escola Piloto ganharem o primeiro prémio, medalha de ouro no festival da juventude em desenhos de crianças».

«Quanto caminho andado. Os responsáveis e alunos da Escola Piloto que tiveram o privilégio de vir para cá têm responsabilidade de manter sempre forte a chama grande que acendemos durante a luta e que começa a iluminar novos caminhos ao nosso povo depois da libertação total da nossa terra».

«Deste viveiro onde preparamos os cidadãos novos da nossa pátria livre sairão homens conscientes, sem complexos de raça, nem de tribo nem de continente. Para nós do PAIGC todos os homens no mundo são iguais porque estamos todos à procura do caminho da justiça para toda a humanidade. Os alunos que saem da nossa Escola Piloto devem estar ao nível de todos os homens para poder lutar para a conquista de direitos como todos os homens no mundo».

«Vitória para o nosso povo camaradas. Liberdade para o nosso povo, porque para nós do PAIGC a liberdade não significa só libertar-se dos colonialistas. Liberdade de verdade é libertar-se dos complexos de raça, de toda a espécie de complexos, e assumir totalmente as suas condições de homem porque só quando uma pessoa compreender com fundamento a sua condição de homem poderá ser um verdadeiro revolucionário. Um homem capaz de dar uma contribuição decisiva para a transformação da história do seu povo, para uma história de progresso, de vitória, de construções novas cada dia para podermos dar, nós, africanos da Guiné e Cabo Verde, do PAIGC, uma contribuição decisiva para o progresso da humanidade. Estas são as palavras de ordem para os nossos jovens da Escola Piloto».

«Temos vários problemas com jovens que neste momento ainda têm a mentalidade completamente deformada. Que ainda não

compreenderam a grandeza da obra do nosso Partido, que não compreenderam ainda o valor do trabalho que os nossos combatentes e o nosso Povo fizeram para abrir caminho aos jovens que estão preocupados com complexos que o colonialismo deixou nas suas cabeças. Por isso, temos que combater esses complexos pouco a pouco. Sabemos que os jovens da nossa luta, os jovens da nossa Escola Piloto não têm esses complexos e que em cada ano que passa, tomam mais consciência da grandeza do fundador da nossa nacionalidade camarada Amílcar Cabral para seguirem o seu exemplo. Exemplo de um homem que de facto conseguiu ser um revolucionário total, independentemente da terra onde nasceu, independentemente da sua condição de negro africano. Que foi capaz de compreender o momento actual da história da humanidade».

«Cabral lutou em Portugal ao lado dos anti-fascistas revolucionários portugueses para a libertação do povo português. Lutou ao lado do povo irmão de Angola para a libertação e fundação do MPLA. E, na Guiné e Cabo Verde, na luta que ele dirigiu, conseguiu criar uma força revolucionária gigantesca que foi capaz de destruir completamente as forças retrógradas do colonialismo. Hoje a nossa bandeira está içada em todos os pontos da nossa terra. Este revolucionário deve ser um exemplo para vocês jovens. Um exemplo em cada dia. Estou a lembrar-me de um aluno numa escola no norte, perguntei-lhe o que é que queria ser quando fosse grande e, na sua criança, disse-me que queria ser como Cabral. Não sei como é que ele pensava naquele momento, pois Cabral para ele era a coisa maior, como chefe do nosso Partido».

«Peço aos jovens para tomarem isso como exemplo. Como um farol. Para, de facto, poderem dedicar-se completamente, para lá de todas as ambições que todos os homens têm direito de ter na realização da sua pessoa. Para tomar Cabral como exemplo e servir o nosso Povo e a nossa Terra, servir o seu tempo».

«Antes de terminar quero felicitar os responsáveis da Escola Piloto, todos os alunos que conseguiram prémios como merecimento, alunos que deverão ser o exemplo para os seus companheiros nos novos anos e em novas tarefas que estão incumbidas aos nossos jovens. Felicito também a todos os camaradas da Educação pelo trabalho sério que têm estado a fazer neste domínio decisivo da reconstrução da nossa terra completamente livre».

A execução de vários projectos nas construções em Bolama quase todas as obras sofrem, a do Comissariado das Obras. Esses são alguns dos assuntos do departamento, camarada Albe para o «Nô Pintcha». Ele analisa problemas: a escassez de material, a difícil situação financeira do serviço de uma parcela dos coloniais e à sabotagem para fazer para os tugas.

Quais são os projectos a curto prazo que estão nas mãos deste Comissariado?

«Podemos dizer que os projectos a curto prazo que temos aqui são todas as obras que foram começadas e que ainda não estão concluídas. O nosso Governo está altamente interessado na conclusão dessas obras iniciadas com muita urgência sem, no entanto, dispormos, na altura, de quadros para fazer o seu orçamento. Nenhuma obra foi orçamentada. E o problema crucial neste momento é encontrar verbas para as acabar. O nosso Estado já tomou providências e vai financiá-las. Está somente à nossa espera para nos dispensar a quantia necessária, logo que lhe entreguemos o orçamento».

«Os principais trabalhos a serem concluídos são as reparações no Hotel 24 de Setembro, na Presidência, nos Negócios Estrangeiros que passará para o antigo Museu, no rés-do-chão do Comissariado da Informação e Turismo, no restaurante Pelicano. Também a construção das escolas preparatórias em Santa Luzia, em Chão de Papel e em Cantchungo, cujo funcionamento vamos fazer esforços para que comece no próximo ano lectivo. Há cinco hospitais financiados pela ajuda dos refugiados que ainda não estão concluídos. Um em Farim, e os outros em Sonaco, Bubaque, São Domingos e Catió. Esses hospitais são acompanhados de casas para seus funcionários. Terão a capacidade de 20 camas para os doentes. A sua execução já está numa fase avançada e estamos convencidos que esse programa será cumprido até ao próximo ano».

«Há também um hotel que já começámos em Bubaque e que está quase no final. A falta de material não nos permitiu andar mais depressa. Aliás, esse é o nosso problema fundamental: falta de tintas, de material eléctrico para o ajardinamento de uma série de coisas. Existe ainda um pequeno hotel em Bolama do género do de Bubaque mas com menor capacidade e uma residência para hóspedes no Gabú. Estes são os projectos a curto prazo».

Na sua intervenção na Assembleia Nacional, o camarada Presidente Luiz Cabral referiu-se a vários projectos que deviam ser concretizados antes do começo das chuvas. Era o caso da reparação das estradas do Sul, da construção da estrada de Gambiel. O que já foi feito?

«Já se encontra uma brigada em Buba, no Sul, há cerca de dois meses. E já se avançou bastante na reparação da estrada Buba-Catió, apesar das dificuldades impostas pelas chuvas. O material de trabalho que temos não é muito eficiente para esta época das chuvas. Quer dizer,

actos a curto prazo, a demora ver-
tiginosa, as grandes interrupções que
a exoneração de alguns trabalhadores
Públicas. Construções e Urbanismo
abordados pelo Comissário deste
Arturo Lima Gomes, nessa entrevista
revela também algumas causas desses
obstáculos para a realização dos projectos,
Estado, a falta de disposição para
operários, condicionados à época do
trabalho que eram obrigados a

nestes tempos são precisos ca-
miões especiais e adaptações no
material de construção que não
estamos em condições de fazer.
Mas estamos a remediar a situa-
ção e espero que o Sul não fi-
que isolado do resto do País este
ano.

«Temos uma brigada de traba-
lho no Leste, na estrada Cheche-
-Beli-Lugadjol., ocupadas com
duas pontes que ligarão Beli e
Lugadjol. A reparação e alcatroa-
mento da via Mansôa-Bafatá fo-
ram suspensas ainda antes das
chuvas devido ao estado das má-
quinas, que até agora estão sendo
consertadas nas oficinas das
Obras Públicas. Dentro de dois
meses é possível que as mesmas
máquinas sigam para Bambadin-
ca e Xitole, o pior trecho da es-
trada que vai para o Sul. Ela fa-
rá ligação com outra de Buba.

«No Norte temos uma outra
brigada que, durante a época se-
ca, esteve a abrir a estrada que
vai de Farim, Ingoré até São Do-
mingos. Neste momento prosse-
guem os trabalhos no caminho
Ingoré-São Domingos. O cami-
nho para São Domingos será mel-
hor, apesar de ter o trajecto
longo, na medida em que o outro
caminho, o que passa por Bula,
tem sempre problemas técnicos
com as jangadas de João Landim
e de São Vicente. Essa estrada
seguirá até à fronteira com o Se-
negal. Temos também uma outra
que vai até Morés quase pronta.
Pensamos alcatroá-la na época
das secas.

«A estrada de Gambiel foi
aberta à circulação ainda em
Abril deste ano e, apesar da chu-
va, ainda está em óptimas con-
dições. A nossa maior dificuldade
é não estarmos em condições
técnicas de fazer estradas durá-
veis. Isso porque o estado em que
as encontramos depois da inde-
pendência, não nos permite ata-
car uma delas e fazer logo um
trabalho definitivo. A primeira
preocupação é abrir as que estão
em condições de serem usadas
sobretudo durante o tempo das
chuvas. A preocupação do nosso
Governo é não deixar nenhum
ponto incomunicável no país. Pa-
ra o ano, com a ajuda que vamos
receber, talvez possamos concen-
trar então o material para cons-
truímos estradas definitivas,
uma vez que ficarão mais transi-
táveis. Finalmente uma brigada
de construções está a efectuar
reparações da estrada para Biom-
bo. É inadmissível que Biombo ou
Quinhamel fiquem isolados de
Bissau.

«Em suma, a causa principal
da demora nas construções é ex-
clusivamente a falta de material
originada pelas grandes dificul-
dades financeiras em que se en-
contra o nosso Estado. Faltam di-
visas para compra de material.
Na nossa terra, infelizmente, o
único material de que dispomos
é do género natural: a pedra, o



Uma análise do comissário Lima Gomes sobre o Comissariado de Obras Públicas

cascalho, a areia e a madeira. Te-
mos esperanças na fábrica de ti-
jolos já em funcionamento, mas
que ainda não produz com a ca-
pacidade necessária. Todo o res-
to do material, desde o cimento,
ferro até fechadura, tem que ser
importado, o que fica bastante
caro. Atravessamos uma série de
crises de material, que além de
chegar sempre atrasado, vem em
quantidades reduzidas. Isto é um
assunto que o Comissariado do
Comércio devia dedicar mais
atenção.

*Qual é a posição dos trabalha-
dores face aos problemas actuais?*

«É notada a falta de hábito de
trabalhar de certos funcionários.
No tempo colonial eles estavam,
com certeza, habituados a sabo-
tar o tuga. Como isso, criaram o
hábito de ganhar o vencimento
fazendo o mínimo possível. A
nossa situação no entanto, não
permite isso. Os colonialistas re-
cebiam auxílio americano, de cer-
tos países imperialistas e não ti-
nham qualquer dificuldade finan-
ceira a nível do Estado, claro.

«E agora o que se dá? Eles têm
que compreender as nossas difi-
culdades financeiras e têm que
estar conscientes de que estamos
num período de transição em que
os problemas não são apenas do
operário mas também de todos
os departamentos do Estado.
Quer dizer, existe uma crise ge-
ral. Mas quanto menos trabalha-
mos mais difícil será superar es-
ta crise. E quanto mais trabalha-
mos, evidentemente que as pos-
sibilidades de defrontar e vencer
essa fase serão maiores.

«Nesta base, temos realizado
reuniões com os trabalhadores.
O pessoal tem sentido o atraso
de pagamento dos vencimentos,
motivado pela crise. Mas estamos
agora a regularizar aos poucos

esta questão. O pessoal trabalha-
dor, de certa maneira, tem compre-
endido a situação do nosso
Estado. Com eles nunca temos
tido problemas de reivindicações,
como poderia ter acontecido.
Evidentemente o trabalho polí-
tico que precisamos fazer junto
aos trabalhadores, para que eles
dêem mais rendimento no traba-
lho, só poderá ter êxito no dia
em que estivermos em condições
de ter os seus vencimentos em
dia. O que podemos agora é ex-
plicar, portanto, não temos que
exigir deles tanto assim. Estão
a trabalhar há dois meses e não
recebem.

«De uma maneira geral, pen-
so que aqueles que ainda con-

aprender.

*O camarada Luiz Cabral afir-
mou que o Comissariado das
Obras Públicas dispunha de tra-
balhadores em excesso e admitia
a hipótese de alguns serem des-
pedidos e encaminhados para a
lavoura. Quantos trabalhadores
foram já dispensados?*

«É verdade, existe o problema
dos trabalhadores em excesso.
Tem-se falado em despedimentos
e nós estamos a estudar seria-
mente esse problema. Será uma
solução extrema. Procuramos ou-
tras que não prejudiquem tanto
as pessoas. Ninguém foi dispen-
sado ainda. Mas, se formos obri-
gados a isso, é porque foram es-
tudadas todas as hipóteses e não

desses que oscila entre 600 a 700
pessoas, dentro dos três mil tra-
balhadores que o nosso Comissa-
riado tem. Com metade deste
número total podemos fazer o
nosso trabalho.

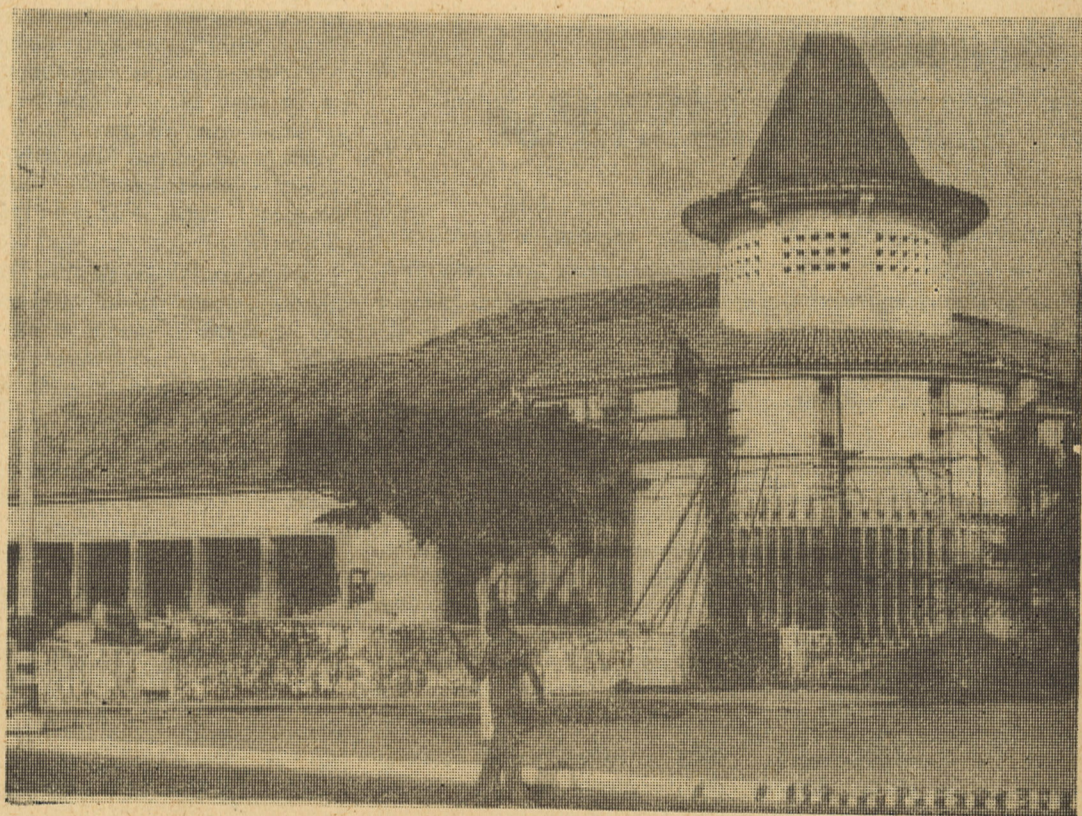
«Como já disse, esta solução
compulsiva de despedimento só
será executada se o Governo não
conseguir achar nenhuma outra
solução e, mesmo assim, procura-
remos garantias de trabalho pa-
ra eles, talvez nas cooperativas
agrícolas que serão organizadas
pelo Estado através do Comissa-
riado da Agricultura e Pecuária,
que pode parecer coisa fácil mas
não é. Se não puderem ser en-
caminhados para as cooperati-
vas, então, receberão pelo menos
dois meses adiantados.

«A situação poderá vir a mu-
dar, na medida em que, assim
que as obras abrirem, daqui a

dois meses ou mais, eles pode-
rão ter mais possibilidades de tra-
balho. Os que vamos despedir, é
evidente, são os que têm pior
rendimento no trabalho. Os que
estão conscientes, que têm mos-
trado vontade nas suas funções
esses de maneira nenhuma serão
despedidos.

*O que Comissariado das Obras
Públicas dispõe de técnicos qua-
lificados em número suficiente?*

«O nosso Comissariado dispõe
de um número bastante reduzido
de técnicos pelo que não conse-
guimos controlar o trabalho em
curso. O que nos faz mais falta,
são os técnicos médios e mestres
de obras. Temos um bureau de
projectos com alguns técnicos es-



tinuam com os vícios de outros
tempos são uma minoria. A maio-
ria já está integrada directamen-
te na nossa nova vida conscien-
temente porque tem vontade de

foram encontradas soluções pos-
síveis para o evitar. De qualquer
forma, vamos procurar limitar o
número das pessoas que vamos
despedir. Elaborámos uma lista

trangeiros e a maioria são jugos-
lavos, e temos também uma sec-
ção de urbanização onde traba-
lham dois técnicos estrangei-
ros».

ANO I DE ORGANIZAÇÃO

PAGINA SEMANAL DO COMISSARIADO DE ESTADO DA EDUCAÇÃO E CULTURA

EDITORIAL

5 DE JULHO

Na passada segunda-feira celebrou-se o 1.º ano de independência de Cabo Verde.

Cumpriu-se assim um dos pontos a que o nosso glorioso Partido se propôs ao iniciar a luta: A independência total da Guiné e Cabo Verde.

Correu muito sangue, muitos ficaram pelo caminho, mas a missão histórica do PAIGC nas nossas terras irmãs, vai-se cumprindo.

Unidade na Guiné, unidade em Cabo Verde, unidade da Guiné com Cabo Verde.

Esta a palavra de ordem que temos que sentir nos nossos corações, este o grito que tem que sair dos nossos lábios, até que constitua uma realidade.

Não somos tribos, não somos raças, somos um só Povo que tem que construir de mãos dadas o seu destino comum.

Somos o Povo da Guiné e Cabo Verde.

«Tomando no conjunto Guiné e Cabo Verde as contradições diminuem. A contradição limita-se a existir apenas entre a pequena burguesia, lá é que há algumas contradições. E é dessa pequena burguesia que surgem os grupos oportunistas que têm combatido o PAIGC. Grupos de oportunistas que no primeiro movimento que

fizeram já eram ministros disto e daquilo, sentido de carreira, lugar, mais nada. — A. Cabral».

As nossas escolas têm uma dupla missão como várias vezes o temos afirmado: A de formar técnicos, trabalhadores esclarecidos e a de ir preparando o Homem Novo, que será o suporte da Paz e Progresso nas nossas terras da Guiné e Cabo Verde.

Por isso, o 5 de Julho serviu mais uma vez para mobilizar activamente os nossos jovens, no sentido da Unidade, que foi, e é, o factor fundamental da nossa vitória contra todos os agressores, sejam eles quem forem.

Construir na Unidade o futuro comum das nossas Pátrias irmãs, é tarefa prioritária, com a da Reconstrução Nacional, que se põe à nossa geração, com o apoio do PAIGC, nossa vanguarda revolucionária.

Tornar uma realidade o sonho do nosso saudoso camarada Amílcar Cabral, eis a tarefa de todos nós, estudantes e trabalhadores de Cabo Verde e da Guiné. Glória imortal ao camarada Amílcar Cabral!

Viva a Unidade da Guiné e Cabo Verde!

Viva o PAIGC, força, luz e guia de todo o nosso Povo na Guiné e Cabo Verde!

Para nós camaradas, para a nossa geração, que criou o Partido, o seu trabalho, mais do que libertar a nossa terra, mais do que criar o Partido propriamente, mais do que dirigir esta luta até agora, é garantir um futuro para a nossa terra, futuro na mão do nosso povo através dos seus filhos, futuro para o nosso Partido na mão dos seus militantes.

A. CABRAL

EDUCAÇÃO NA TANZÂNIA

OS ESFORÇOS DEPOIS DA INDEPENDÊNCIA

[...] Após a libertação do País da dominação colonial, os esforços no sector educacional concentraram-se na tentativa de corrigir os três defeitos mais flagrantes do sistema anterior:

— suspensão da discriminação racial e do endoutrinamento religioso nas escolas;

— expansão das instalações escolares visando a permitir o acesso de um número muito maior de alunos à escolaridade;

— transformação do conteúdo do currículo no sentido de reflectir a realidade da Tanzânia e não da metrópole colonialista.

Estas transformações não são mais do que modificações dentro do sistema educativo herdado do colonizador. Elas não chegam a

tocar a estrutura mesma do sistema. Hoje sentimos claramente a necessidade de nos colocarmos uma questão de base — qual a finalidade, qual o objectivo do nosso sistema educacional?

Para podermos responder a esta pergunta fundamental, é preciso examinarmos as estruturas e o conteúdo actuais da educação do nosso país. Somente à luz deste exame poderemos ver se devemos apenas continuar a introduzir novas modificações no sistema herdado do colonialismo ou se é necessária uma reformulação global e radical da estrutura mesma de educação.

(CONTINUA)

FORMAÇÃO DE PROFESSORES

Assim como a brigada Pansau Na Isna (Tombali), (outros) grupos de jovens de outras regiões e que se encontram a estudar em Bissau, contactaram o Departamento de Alfabetização no sentido de participarem em estágios para formação de monitores na perspectiva de um trabalho nas férias. Nestes estágios estará incluída a Educação Sanitária.

Estes jovens são de Cacheu (Ingoré), Buba, Oio, Bafatá e Gabú.

A brigada Pansau Na Isna, prossegue no estágio baseado já na experiência adquirida na região, através dos contactos havidos com os responsáveis do Partido e Estado, comités de tabanca, professores das escolas e internatos de Cufar e Como, educadores sanitários e população em geral.

Destacamos os contactos havidos com os professores para se integrarem no trabalho de Alfabetização e Educação Sanitária, mobilizando, desde já, alguns alunos com vista à sua participação no trabalho que se irá efectuar nas férias.

A equipa de Cacheu já iniciou o curso, com cerca de quarenta jovens, estando prevista a ida de um grupo a Có constituído por coordenadores de alfabetização e educação sanitária e alguns estagiários. Esta deslocação tem

por fim não só abordar, juntamente com os camaradas do internato, questões referentes ao nosso trabalho mas também levar estes estagiários a adquirirem uma visão mais clara dos problemas ligados à alfabetização.

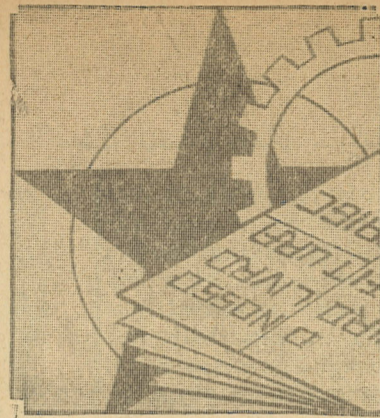
Os grupos de Buba, Oio, Bafatá e Gabú, irão iniciar brevemente os cursos de formação.

No que diz respeito a Bafatá está igualmente prevista uma deslocação para contactos com professores.

Estando todo este trabalho, a ser levado a cabo, essencialmente, por jovens, viu-se a necessidade de, como tal, serem (integrados) integrados na JAAC, que é a organização do Partido para os jovens da nossa terra, na Guiné e em Cabo Verde.

Para tal foi realizada uma reunião com estes estagiários em que participaram o Departamento de Assuntos Sociais da Comissão Organizadora da JAAC na Região de Bissau e elementos ligados à Comissão de Coordenação de Alfabetização, em que não só foi realçada a importância do trabalho destes jovens mas também a sua integração na JAAC.

Todo este trabalho inscreve-se na etapa actual da Alfabetização, que é a Formação de Monitores.



CONTOS E LENDAS DA NOSSA TERRA

A LEBRE E A TARTARUGA

Sem motivo aparente, a lebre, foi um dia a casa da tartaruga e começou a provocá-la:

— Como eu te lamento, pobre amiga, por todo o tempo que tu perdeste durante toda a tua vida. Coitadinha de ti. Repara bem, que tu necessitas de dez anos para correr uma distância que eu faço num dia. Como eu te lamento.

E a tartaruga respondeu: — Não tenhas assim tanta pena de mim, amiga lebre, porque nem sempre é assim.

— Porque é que tu negas aquilo que é claro como o dia? Qual quer cego pode constatar mas, se não estás completamente convencida, vamos procurar uma testemunha e faremos uma aposta.

— Era isso justamente que eu te ia propor.

Em frente da testemunha, ficou assente que os dois concorrentes começariam a corrida no terceiro dia depois do aparecimento da Lua. Uma linda casa, com jardim e tudo, seria a recompensa para o vencedor.

Segura de si, a lebre escolheu esse dia para ir visitar uns seus amigos e depois de um fausto almoço, dormir uma boa sesta. A tartaruga, ao contrário, começou a sua prova mesmo no momento que tinha sido fixado e só parava para beber água e recomeçar depois ainda com mais entusiasmo.

Quando começava já a anoitecer, a lebre lembrou-se da aposta com a tartaruga e lançou-se como uma flecha em sua perseguição mas, já era tarde. Quando chegou estafada e sem forças ao sítio da chegada, a tartaruga já estava na sua nova casa a regar o seu jardim satisfeitíssima.

Moral da história: Para vencer na vida, só a força não é o suficiente, é preciso também ter imaginação.

A HISTÓRIA DO DESPORTO O HALTEROFILISMO

O halterofilismo dificilmente ganhou o título de desporto e o francês Emile Desbonnet teve muitas dificuldades em fazer admitir os halterofilistas como atletas de verdade.

«Os pesos e halteres» deixaram à muito de ser considerados como espectáculo de feira e agora reconhece-se bem o seu valor para o desenvolvimento da força e da resistência muscular.

É provável que o halterofilismo, como muitos outros desportos, remonte dos confins da mitologia e da história.

As provas de halterofilismo desenrolam-se sobre um estrado de 4 m X 4 m.

A PARTICIPAÇÃO DOS JOVENS NA ALFABETIZAÇÃO E NA EDUCAÇÃO SANITÁRIA

... As palavras das crianças, os seus desenhos quando não impostos, são quase sempre o retrato fiel do seu pensamento, das suas aspirações.

A criança ainda não sabe usar sofismas, ainda não sabe disfarçar.

Nas aulas, a criança é o que é. A princípio um pouco tímida, depois vai-se mostrando conforme o agir do professor. Alguns há que desde os primeiros contactos se mostram como será a sua própria actividade e reacção.

Pelo ano fora, as aulas devem ser activas. Esta actividade significa uma elaboração mental contínua, um desenvolvimento progressivo do espírito observador, analítico e crítico do aluno.

A designação de «Escola Activa» tem sido mal interpretada. Uma aula pode ser activa no meio de um silêncio atento ou de uma efervescência entusiás-

tica.

O que interessa é que ela seja produtiva, que os processos mentais estejam despertos, que o aluno goste, se sinta bem e possa ser criador.

O desenho presta-se de forma especial à aplicação de um ensino activo, eficaz.

Esta aula põe diante dos alunos elementos concretos e objectivos, o que muito facilmente torna o ensino vivido e entusiástico. Por vezes a imaginação infantil ultrapassa a realidade dos factos e os alunos sonham e idealizam.

Não é difícil tornar a aula activa, atraente mesmo.

O que é preciso é que tudo se faça dentro de certos limites para que o movimento natural e eficiente dum interesse latente e proveitoso não redunde na viciação do ensino.

URSS LANÇA NAVE ESPACIAL TRIPULADA

MOSCOVO (AFP) — Uma nave cósmica, a «Soyouz-12» foi lançada na terça-feira do cosmódromo de Baikouura, indicou a agência Tass.

A tripulação do «Soyouz-12» é composta pelo comandante da embarcação, coronel Boris Volinov e pelo engenheiro de bordo, tenente-coronel Vitali Jolobov.

O programa de vôo do «Soyouz-12» prevê experiências comuns com a estação orbital «Saliout-5», lançada a 22 de Julho último.

Segundo os relatórios da tripulação as informações telemétricas, os sistemas de bordo da embarcação funcionam normalmente. Os cosmonautas iniciaram a realização do programa de vôo.

Tentativa de golpe contra Nimeiry Líbia rejeita as acusações do Sudão

CARTUM (AFP) — 37 militares do exército sudanês, entre os quais dois generais, um coronel, dois capitães e três tenentes-coronéis, foram mortos durante a tentativa de golpe de estado de sexta-feira em Cartum, anunciou o general Mohammed Bagir Ahmed, primeiro vice-presidente sudanês.

Por outro lado, um quotidiano sudanês «indicou que foram levadas a cabo operações de investigação para encontrar as pessoas implicadas na tentativa de golpe de estado. Dezenas de pessoas foram presas, acrescenta o jornal, que indica terem sido apreendidos importantes quantidades de armas, especialmente, próximo do quartel-general das Forças Armadas.

LÍBIA DESMENTE

TRIPOLI (AFP) — O ministro líbio dos Negócios Estrangeiros publicou um comunicado rejeitando as acusações sudanesas contra a Líbia, a propósito do «putsch» falhado de sexta-feira última, anunciou a agência líbia de informações «Ar-namo».

O comunicado declara, nomeadamente: «Segundo as agências de imprensa, o Sudão enviou uma queixa à Liga Árabe e ao Conselho de Segurança da ONU, acusando a Líbia de ser a retaguarda do último levantamento no Sudão. O governo sudanês sempre recorreu a tais acusações quando enfrenta uma revolta popular interna, enquanto que foi graças ao governo líbio que o Presidente Nimeiry e os seus companheiros foram libertados e salvos da morte em Julho de 1971.

Os acontecimentos de sexta-feira última no Sudão, acrescenta o comunicado, não são nem um golpe de estado, nem uma tentativa de golpe de estado, mas um levantamento popular, que rebentou no território sudanês. A prova é que a radiodifusão sudanesa reconheceu que regiões sudanesas estão sob controle das massas populares que se revoltaram.

O comunicado lança, por fim, um desafio ao governo sudanês para que apresente um soldado ou cidadão líbio que tenha participado no

«putsch», e afirma que «a Revolução é a sorte que espera a todo o regime militar fascista ou a todo o regime árabe anti-unitário».

Governo angolano congela salários

LUANDA (AFP) — Todas as negociações de carácter salarial nas empresas angolanas foram suspensas, por uma decisão do ministro do Trabalho.

Um comunicado, publicado na imprensa angolana, justifica esta decisão fazendo notar que a fixação dos salários não obedece actualmente a nenhum critério «Assiste-se, declara o comunicado, a um movimento anarquista de aumento de salários que não corresponde à produtividade, contribui para o enfraquecimento económico do país e para o aparecimento de fenómenos inflacionistas, especulativos e de comércio ilegal (...)»

O comunicado declara, por fim, que «a definição de toda a política salarial pertence ao governo por intermédio do Ministério do Trabalho e da União Nacional dos Trabalhadores Angolanos (UNTA, sindicato único), sobre proposta de grupos de estudo constituídos por esses organismos».

O ataque israelita a Kampala Nota do Presidente Amin à OUA e às Nações Unidas

NAIROBI (AFP) — O texto da nota de protesto enviado ao Conselho de Segurança das Nações Unidas e à OUA pela Uganda depois do «raid» israelita ao aeroporto de Entebbe, foi difundido na passada segunda-feira pela rádio de Kampala, captada em Nairobi. Este texto foi igualmente enviado aos países não-alinhados e ao Secretário-Geral da Liga Árabe, para os enviar aos países membros.

A nota, dirigida ao Primeiro-Ministro mauriciano, novo Presidente da OUA, pede às organizações internacionais para condenar nos termos mais severos «a agressão sionista israelita contra o Uganda».

O Presidente Idi Amine precisou que os três aviões «sionistas israelitas» aterraram sábado às 21 h 20 GMT no aeroporto de Entebbe, sem autorização dos oficiais ugandeses. Dois jeeps militares dirigiram-se em seguida para o antigo aeroporto, e os seus ocupantes dispararam as metralhadoras e bazucas em direcção aos edifícios e soldados ugandeses de guarda, que só possuíam armas ligeiras, conforme as condições impostas pelos piratas de ar.

Estes soldados encontravam-se afastados a 200 metros dos edifícios. Preciso ainda a nota.

Durante o assalto, prosseguiu o texto, os agressores israelitas mataram sete dos membros do comando, assim como «vários reféns e numerosos soldados ugandeses», ferindo outros. Os israelitas destruíram também aviões ugandeses estacionados no aeroporto, cujos edifícios foram seriamente danificados, prosseguiu o texto.

A rádio de Kampala lembrou que o Presidente Amin autorizou a aterragem do «Airbus» por razões humanitárias, e que ele tinha em seguida tomado a iniciativa das negociações, como chefe de Estado de Uganda e Presidente em exercício da OUA. O chefe de Estado ugandês afirmou finalmente ter mantido a cada instante os embaixadores da França e da Itália ao corrente das negociações com o comando pró-palestínico.

Ministros espanhóis recusam participar no novo Governo

MADRID (AFP) — Novos nomes vieram-se juntar aos dos ministros liberais que se recusaram participar no governo de Adolfo Suarez.

Soubes-se assim que Leopoldo Calvo Sotelo, ministro do Comércio, que hesitava ainda, decidiu recusar toda a participação no projectado governo.

Uma recusa mais importante ainda foi a de Federico Silva Munoz, Chefe da Democracia Cristã

de direita, soube-se de fonte informada. Munoz terá anunciado que recusava a sua colaboração ao novo Presidente do governo. Silva Munoz, que tinha estado na lista dos três nomes submetidos ao rei pelo Conselho do Reino, teria sido indigitado para uma das pastas sem titulares depois da recusa de Manuel Fraga Iribarne, no Interior, e de José María Areilza, nos Negócios Estrangeiros.

Portugal: Eanes e Soares estudam formação do Governo

◆ Proclamação oficial do novo Presidente

LISBOA (AFP) — Mário Soares, secretário-geral do Partido Socialista Português, e o general Ramalho Eanes, Presidente da República eleito, tiveram na sexta-feira à noite, em Lisboa, conversações.

Na ausência de qualquer informação sobre estas conversações, considera-se que foram consagradas aos problemas respeitantes à composição e programa do governo que Mário Soares será encarregado de formar, imediatamente após a entrada em função do novo Presidente da República, o que quer dizer, provavelmente depois de 15 de Julho.

Os círculos próximos do futuro primeiro-ministro, recusam-se a fornecer a menor informação sobre as personalidades que farão parte do governo, ou sobre a decisão dos cargos. Os observadores notam com interesse as declarações feitas por Mário Soares ao semanário «O Jornal», segundo as quais o governo deverá beneficiar

do mais largo consenso das diversas forças nacionais, não somente dos sindicatos, mas também dos partidos mesmo que não estejam representados no governo».

EANES — «GRUPO DOS 9»

O general Ramalho Eanes teve um encontro durante o fim-de-semana com três membros do «grupo dos nove» maioritário no Conselho da Revolução; o major Melo Antunes, o capitão Sousa e Castro e o general Vasco Lourenço.

Não foi dada nenhuma informação sobre o objectivo deste encontro mas os observadores consideram que deve ter sido consagrado a um exame das perspectivas políticas depois da eleição presidencial, no que diz respeito ao novo governo que Mário Soares vai ser encarregado de formar, e à remodelação que deverá acontecer no Conselho da Revolução, após a saída do Presidente Costa Gomes e do almirante Pinheiro de Azevedo,

ex primeiro-ministro.

O Conselho da Revolução dispõe de poderes ainda importantes. Tem, especialmente, a missão de aconselhar o Presidente da República sobre todas as questões importantes; e de autorizar a tomar certas decisões. Está também autorizado a pronunciar-se sobre a constitucionalidade das leis.

AZEVEDO PIOROU

O estado de saúde do almirante Pinheiro de Azevedo, que está hospitalizado no Porto desde 23 de Junho, a seguir a um enfarte de miocárdio, agravou-se bruscamente, soube-se domingo de manhã, no Hospital de S. João.

O almirante Pinheiro de Azevedo foi vítima de nova paragem de coração, por fibrilações ventriculares, no sábado às 22 horas e 30 minutos locais. Os médicos conseguiram restabelecer o funcionamento cardíaco, mas esta nova cri-

(Continua na página 8)

ZIMBABWÉ: DONATIVO NIGERIANO

PORT LOUIS (AFP) — O ministro nigeriano dos Negócios Estrangeiros fez a entrega ao seu homólogo de Moçambique de um cheque de 200 mil dólares.

Este donativo será atribuído aos movimentos de libertação do Zimbabwé. Numa alocução o ministro nigeriano sublinhou que «era nosso dever contribuir por todos os meios para a liquidação do regime de Smith». Preciso, todavia, que teria tido mais prazer em enviar este donativo aos «leaders» políticos do Zimbabwé, e lamentou as divergências que existem entre esses dirigentes. Joaquim Chissano também lamentou essas dissidências e desejou que desaparecessem rapidamente.

SUDÃO NA O.N.U.

NAÇÕES UNIDAS — NOVA YORK (AFP) — O Sudão pediu uma reunião do Conselho de Segurança para apresentar queixa contra a Líbia. O requerimento sudanês afirmou que a Líbia «concebeu, preparou e pôs em execução» a tentativa de golpe de estado de dois de Julho contra o governo sudanês. O presidente do Conselho de Segurança, Aki Abe (Japão) empreendeu consultas entre os membros do Conselho para determinar o caminho a dar ao requerimento sudanês.

LÍBANO: NOVA FRENTE

BEIRUTE (AFP) — As forças conservadoras libanesas anunciaram na segunda-feira que a ilha costeira de Batroun (a 50 quilómetros a norte de Beirute) tinha sido bombardeada a artilharia na segunda-feira de manhã. Batroun encontra-se a alguns quilómetros ao sul de Chekka, onde as forças palestino-progressistas, abriram na segunda-feira de manhã uma nova frente. Os falangistas (conservadores cristãos) anunciaram que esta localidade, posição conservadora no extremo norte da região costeira, guardada pelas forças da direita, sofria uma ofensiva desde segunda-feira. Dez mil combatentes apoiados por blindados, participariam neste ataque contra Chekka, segundo os falangistas.

Durante a tarde, a rádio progressista de Beirute indicou que Chekka tinha sido tomada, e que as forças progressistas tinham chegado próximo de Beirute. A cidade de Amchit (controlada pelos partidários do Presidente Frangie) não se encontra a mais de dez quilómetros. A tomada de Chekka pelas forças palestino-progressistas teria por consequência cortar a principal via de acesso a Zghorta, cidade natal do Presidente Frangie.

REFORMA AGRÁRIA EM MADAGÁSCAR

TANANARIVE (APN) — Começou a segunda etapa da Reforma Agrária na República Democrática de Madagáscar. As terras abandonadas ou não cultivadas, confiscadas aos seus antigos proprietários pelos estrangeiros, serão devolvidas aos camponeses sem terra. O primeiro-ministro J. Rakotomala, que se alistou à cerimónia organizada para comemorar o início da entrega das terras, sublinhou no seu discurso que a Reforma Agrária é realizada de acordo com o programa da construção da sociedade socialista. Apelou para que o povo reforce a sua vigilância face aos ataques do imperialismo e dos seus cúmplices, que procuram boicotar as transformações revolucionárias no país.

AUTOMÓVEL A ÁGUA

MOSCOVO (APN) — O velho sonho do automóvel a água acaba de ser materializado. Técnicos do Instituto de Construção Mecânica da Academia de Ciências da República Socialista Soviética da Ucrânia, em colaboração com engenheiros de outras partes do país, conceberam o protótipo do carro que não polui o ambiente. Os gases do escape apenas contêm vapor de água.

MÉXICO

Lopez Portillo substitui Echeverria

MÉXICO (AFP) — José Lopez Portillo, único candidato às eleições presidenciais mexicanas, representando o Partido Revolucionário Institucional, foi eleito com cerca de 17 milhões dos 18 milhões de sufrágios expressos, anunciou Porfirio Munoz Ledo, Presidente deste partido no poder, há meio século no México.

Segundo Munoz, o abstencionismo eleitoral, na ordem de 35 por cento depois das precedentes consultas, não ultrapassou trinta por cento desta vez. A eleição, acrescentou ele, foi um sucesso sem precedentes para o P.R.I. que ganhou terreno em regiões onde tinha perdido durante outras votações.

Os eleitores tinham de se pronunciar igualmente sobre a substituição dos 234 deputados e dos 64 senadores que compõem o Parlamento mexicano. Os resultados oficiais destas consultas serão conhecidos na próxima semana.

E. U. A.: 7 MILHÕES DE DESEMPREGADOS

WASHINGTON (TASS) — O presidente Gerald Ford vetou o projecto de lei aprovado pelo Congresso, concedendo 3,9 milhões de dólares para o alargamento do programa de obras públicas. Este projecto, dizem os seus autores, garantiria mais 350 mil empregos novos, o que ajudaria a diminuir os desempregados, cujo número ultrapassa os 7 milhões, ou seja, 7,5 por cento de toda a mão-de-obra.

PORT LOUIS

Resoluções finais da Cimeira da OUA

PORT LOUIS (TASS) — A orientação anti-colonial e anti-imperialista da Organização da Unidade Africana, que reúne 48 estados soberanos do continente encontrou a sua expressão cabal na assembleia dos chefes de Estado e de Governo da OUA, que terminou na segunda-feira os seus trabalhos, na ilha Maurícia. Os porta-vozes dos países independentes africanos deram uma atenção especial aos problemas da descolonização do continente, sublinhando a necessidade de aumentar o auxílio material aos movimentos de libertação

nacional do Zimbabwé, Namíbia e outros territórios dependentes, na sua luta pela liquidação definitiva das sequelas do racismo e do colonialismo.

A assembleia denunciou, vigorosamente a ajuda militar, económica e financeira das potências ocidentais aos regimes racistas no sul do continente africano, sublinhando, particularmente, que a cooperação do Ocidente com Pretória, no domínio nuclear, constitui uma ameaça séria aos países soberanos de África, à paz geral e à segurança. Os delegados con-

denaram o novo crime sangrento dos racistas sul-africanos proclamando o 16 de Junho «Dia da Comemoração das Vítimas de Soweto».

Os estados africanos confirmaram o seu apoio à luta justa do povo da Palestina e exigiram a libertação dos territórios árabes ocupados ilegalmente por Israel. Condenaram vigorosamente a intrusão criminosa da força aérea israelita no território do Uganda, e exigiram que seja convocada de urgência o Conselho de Segurança para debater este acto de pirataria.

A assembleia aprovou várias resoluções importantes visando o alargamento e o desenvolvimento da cooperação dos países de África nos domínios da economia e da cultura, o reforço da sua unidade na luta pela solução dos problemas comuns.

No decorrer dos encontros da ilha Maurícia, os países de África mostraram o seu desejo de encontrar uma solução ajustada dos problemas de África no interesse dos povos do continente. Provaram que a OUA amadureceu no plano político, e está firmemente decidida a cerrar as suas fileiras face ao inimigo comum — o colonialismo, o imperialismo e as manobras dos neo colonialistas.

PORTUGAL: PROCLAMADO OFICIALMENTE O NOVO PRESIDENTE DA REPÚBLICA

(Continuação da página 7)

se agrava o carácter reservado do prognóstico.

LISBOA (AFP) — O general Ramalho Eanes foi proclamado oficialmente Presidente da República portuguesa, pelo Tribunal Supremo na terça-feira ao fim da tarde, depois do escrutínio de 27 de Junho. O general Ramalho Eanes é o 14.º Presidente da República de Portugal e o primeiro eleito por sufrágio universal depois da Revolução de 25 de Abril de 1974.

Nos termos da Constituição, o general Eanes prestará juramento perante a Assembleia Legislativa, e será investido solenemente oito dias depois, quer dizer a 14 de Julho, se, entretanto, não houver reclamações.

Imediatamente após a investidura, nomeará o primeiro-ministro depois de ter ouvido o Conselho da Revolução e os partidos representados na Assembleia Legislativa e tendo em conta os resultados das eleições legislativas.

O general Ramalho Eanes fará depois um pedido formal a Mário Soares, secretário-geral do Partido Socialista, que venceu as eleições legislativas, para formar o governo. Este último deverá apresentar o seu programa à Assembleia Legislativa nos dez dias que se seguirão à nomeação do primeiro-ministro. O debate não poderá exceder cinco dias. Pode-se, pois concluir que o governo socialista não poderá entrar em funcionamento antes do fim do mês de Julho.

CORTE DE ELECTRICIDADE HORA E MEIA POR DIA

LISBOA (AFP) — Para economizar a energia e atenuar as consequências das secas, as autoridades portuguesas encontraram um remédio que poderá revelar-se pior que o mal: cortar completamente a electricidade uma hora e meia por dia.

É assim que todos os dias às 15 horas e 30 minutos locais, em Lisboa, a rádio cala-se, os frigoríficos param de trabalhar, as caldeiras nas fábricas param de arder, sem contar com todos os pequenos inconvenientes: pessoas bloqueadas nos elevadores, aparelhos de ar condicionado desligados, etc.

Estes cortes, que atingem todas as regiões de Portugal, somente deixaram escapar os hospitais, os transportes, os bombeiros e os serviços de água.

Até agora não se pode fazer uma ideia exacta das consequências do desaparecimento da «fada electricidade», mas constata-se que num país onde as autoridades se lamentam para desenvolver a produtividade, um dia de trabalho por semana será perdido, sem contar com a desorganização assim criada nas fábricas. Tanto o patronato como os operários estão preocupados com a situação.

A CIP (Confederação da Indústria Portuguesa) enviou um telegrama ao Ministério da Indústria para protestar contra esta medida «quando se pretende reprimir a actividade económica». Consciente da gravidade da situação energé-

tica do país, propôs a sua colaboração com o governo, para se procurarem novas soluções. As fábricas da metalurgia tentam pelo seu lado instalar novos horários de trabalho.

Os sindicatos devem reunir-se para estudar a situação, porque, creem que as reduções de trabalho forçado vão acarretar um certo desemprego.

LIBANO

OS COMBATENTES IMPEDEM NEGOCIAÇÕES PARA O CESSAR-FOGO

BEIRUTE (AFP) — O comandante Abdel Salam Jalloud retomou as suas tentativas de mediação entre os diferentes sírios e o campo palestino-progressista, enquanto a Língua Árabe vê-se na obrigação de congelar as suas tentativas de cessar-fogo a seguir à escalada militar no norte do Líbano, na frente de Chakka.

O primeiro-ministro líbio, que anda numa roda viva entre Damasco e Beirute desde há cinco semanas, regressou à capital libanesa na segunda-feira à tarde e teve imediatamente conversações com Yasser Arafat, presidente do Comité Executivo da OLP, Nayef Hawatme, secretário-geral da Frente Democrática para a Libertação da Palestina (FDLP), rodeado de outros dirigentes palestínios, e com o tenente-coronel Ahmed Al Katib, comandante do «Exército do Líbano Árabe» (progressista).

A guerra retomou os seus direitos no Líbano, na segunda-feira, dissipando as magras esperanças suscitadas no domingo pelo restabelecimento do diálogo político entre as partes em conflito.

O encontro previsto para segunda-feira à tarde, em Sofar (na montanha libanesa), entre alguns dos principais protagonistas do conflito libanês-sírio, resistência palestina e falangistas (direita cristã), — foi adiado «sine die» a seguir à retomada das hostilidades no país.

A resistência palestínica afirmou na segunda-feira à noite que os combatentes do campo palestínico de Tall El Zaatar (arredores este de Beirute) tinham rechaçado durante o dia uma nova ofensiva das forças da direita, a 45.ª desde o início do ataque ao campo, há 13 dias.

A Cruz Vermelha Internacional, que devia evacuar na segunda-feira perto de 300 feridos de Tall El Za-

tar, não pôde proceder à operação, porque os comboios não puderam ir aos lugares devido aos combates.

FESTIVAL DE MÚSICA

(Continuação da pág. 2)

de uma música um pouco romântica. A única coisa nova que trouxeram foi a reintrodução do bombolom no palco.

O cansaço do público manifestou-se mais durante a actuação do *Ma-ma Djombo*. Alguns assobios ainda foram ouvidos quando entrou a cantora do conjunto. A saia comprida aberta dos lados, blusa vermelha e salto alto despertou interesse geral. Mas demoraram para começar a cantar. A sua apresentação não passou dos textos políticos, das palavras de solidariedade ao M.P.L.A. e de repulsa contra o imperialismo. Além disso, a letra das músicas foi complementada por representações e gestos teatrais. O *Mama Djombo* quase não usou o corpo de acordo com o ritmo. Desenvolvia pequenas demonstrações teatrais com um carácter levemente dramático. Para isso contribuiu a roupa dos seus acompanhantes: túnica preta com bordados amarelos ou brancos.

O festival ia acabar com o *Cobiana Jazz*. Estava reservado para o final a participação do conjunto nacional. Com segurança eles espalharam-se pelo palco. Não necessitavam mostrar uma aparência capaz de impressionar o público. Os seus recursos eram simples, as roupas não procuravam originalidade. Apesar das túnica feitas de pano africano característico mobilizaram o público. Conseguiram obter a participação mais forte.

O *Cobiana* foi o único conjunto do festival a utilizar instrumentos de sopro.

REUNIÃO DO COMECON

BERLIM (AFP) — Abriu na quarta-feira, em Berlim, a 30.ª sessão do «Conselho de Entajuda Económica» dos países socialistas (COMECON).

Participam a nível de chefes de governo, a União Soviética, a RDA, a Polónia, a Checoslováquia, a Bulgária, a Hungria e a Roménia, e a de vice-presidentes do Conselho, Cuba e Jugoslávia, esta última como «membro associado» do COMECON.

A Coreia do Norte, a República Popular de Angola e o Vietname delegaram observadores à reunião de Berlim.

Numa entrevista ao semanário «Horizont», Gerhard Weiss, vice-presidente do Conselho e representante permanente da RDA no seio do organismo comunitário, declarou que os problemas da coordenação e da disposição integrados dos sistemas energéticos, iriam ter uma grande importância durante a presente sessão.

AGRESSÃO SIONISTA NO CONSELHO DE SEGURANÇA

NOVA YORK (TASS) — O grupo africano na ONU pediu a convocação urgente do Conselho de Segurança das Nações Unidas para discutir a agressão israelita ao aeroporto ugandês de Entebe. Numa carta enviada, em nome da Organização da Unidade Africana, ao presidente do Conselho de Segurança, o primeiro-ministro da ilha Maurícia, Ramgoolam, presidente da OUA, classificou a acção de Israel de «acto de agressão, sem precedente, cometido contra um estado membro da ONU», ameaçando não somente o Uganda e a África mas também a paz e a segurança internacionais.

CONAKRY: REUNIÃO DE QUADROS

CONAKRY (TASS) — Os organismos locais do poder revolucionário colocaram activamente em prática a política do Partido Democrático da Guiné, de fazer participar cada vez mais os trabalhadores na gestão do Estado. Esta declaração foi feita por Ahmed Sekou Touré secretário-geral do PDG e Presidente da República da Guiné, numa alocução perante a conferência dos quadros responsáveis de Conakry e da região da capital guineense, que abriu em Conakry.

SOYOUZ — SALIOUT

MOSCOVO (TASS) — Foi efectuada ontem uma operação de junção da nave tripulada «Soyouz-21» com a estação «Saliout-5». Os cosmonautas Boris Volynov e Vitali Jolobov passaram para o compartimento da estação. A estação científica pilotada «Saliout-5» funciona numa órbita circum-terrestre.

Pequenos Anúncios

PRECISA-SE

Apartamento ou casa em bom estado para alugar e um automóvel, também em bom estado de conservação. Os interessados devem contactar com o pessoal da embaixada dos Estados Unidos no Hotel «Ankar».

Aristides Pereira

(Continuação da 1.ª página)

blinou a certo passo o camarada Vasco Cabral.

As comemorações oficiais tiveram início, às 8 horas, com a entrega de lenços aos pioneiros do Partido.

Foi inaugurada pelo Presidente da República a nova granja de S. Filipe e o Infantião da Achada de Santo António. Na tarde do dia cinco realizou-se a cerimónia de apresentação de cumprimentos ao chefe de Estado.

CONVITE

A UDIB convida a todos os sócios para o baile comemorativo do seu 47.º aniversário, que terá lugar no próximo sábado, dia dez, seguido de matineé no domingo, com a presença do conhecido conjunto *Capa Negra*. A entrada é grátis, mas só para os sócios que tenham as quotas em dia. O pagamento pode ser efectuado todos os dias até às 20h, na sede do respectivo clube, onde estão patentes todas as informações sobre os bailes.

Para a *soirée*, não será permitida a entrada a menores de 14 anos.